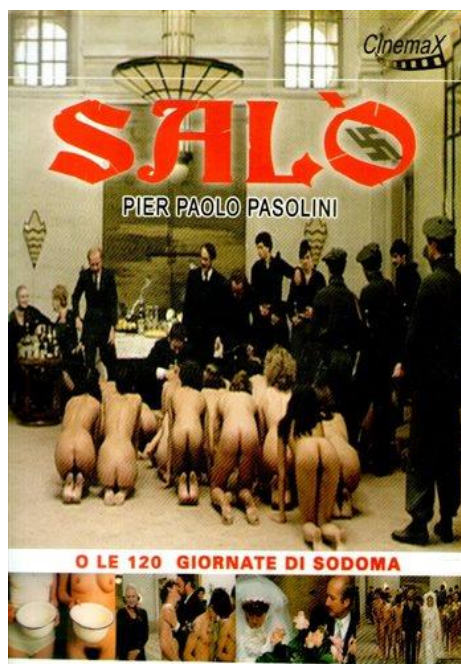


TELA CRÍTICA



A Progressividade do Mal

Uma Análise crítica do filme “Saló”, de Pier Paolo Pasolini (1975)

Giovanni Alves¹

O filme "Saló" de Pier Paolo Pasolini, de 1975, o último filme do mestre italiano, foi um manifesto contra a civilização burguesa. Talvez o mais contundente manifesto estético contra a ordem do consumismo e venalidade burguesa. Não é por acaso que o filme foi feito num momento histórico de desenvolvimento primordial da crise estrutural do capital, entendido o capital como sendo uma forma estranhada de sociometabolismo da qual faz parte a cultura. Portanto, o capital não é apenas uma categoria econômica, mas

¹ Giovanni Alves é professor de sociologia da UNESP – Campus de Marília.

TELA CRÍTICA

também uma categoria radicalmente sócio-cultural, pois diz respeito à relação social do homem com outros homens e do homem consigo mesmo. O capital é um sistema de instituições sociais, hábitos e costumes que regulam a vida social. O capital é um poder ideológico-político, social e cultural. Tal sistema de controle estranhado do metabolismo social entra em crise estrutural em fins da década de 1960, de acordo com István Mèsszàros. As raízes da crise estrutural do capital derivam das inúmeras contradições sociais, econômicas e políticas oriundas do seio do capitalismo tardio, o capitalismo do pós-guerra: a expansão (e crise) do capitalismo fordista-keynesiano, a recessão global por conta da queda da lucratividade, choque do Petróleo, o fim do Acordo de Bretton Woods, o aumento do desemprego, o extremismo político de esquerda e direita, a mercantilização acelerada da vida social, a proliferação do fetichismo da mercadoria com os valores do consumismo e individualismo, ascensão e ocaso da contracultura, o neoconservadorismo liberal e o fascismo social, a luta anti-colonial, a “guerra fria” entre EUA e URSS, Guerra do Vietnã, maio de 1968, o acirramento da luta de classes e o apodrecimento (corrupção) do Estado político italiano, a crise da juventude, etc. Enfim, é difícil isolar “Saló”, de Pasolini, do pano de fundo ou cenário social de crise geral da civilização burguesa– não apenas na Itália, mas na Europa Ocidental e EUA.

Muitos consideram o filme "Saló" apenas como uma denúncia da crueldade e perversidade do fascismo, mas esta interpretação é por demais simplista. Pasolini não fez um filme histórico, mas uma *alegoria realista* do mundo burguês que ele expôs noutros filmes na década de 1960, como, por exemplo "Teorema" (1968), que se trata de outro manifesto alegórico do aburguesamento do mundo (incluindo a própria classe operária).

O estilo pasoliniano é a *alegoria realista*. A alegoria é um modo de expressão ou interpretação estética que consiste em representar pensamentos, ideias, qualidades sob forma figurada; e no caso de Pasolini, com um profundo significado histórico concreto, pois o mestre italiano como marxista foi um homem do seu tempo histórico.

TELA CRÍTICA

Figura 1

O gozo do sadismo



Pier Paolo Pasolini sofreu a modernização da Itália do pós-guerra e sentiu a cultura burguesa americanista, intrinsecamente kitsch, ocupar espaços da subjetividade italiana. Do fascismo ao americanismo - eis o trajeto cultural-político tão condenado por Pasolini. O resgate do nacional-popular foi sua missão estética, tal como, por exemplo, a de Cristo representado no seu filme clássico "Evangelho Segundo São Mateus", de 1964. Tal como o Cristo, Pasolini foi traído e morto (a sua morte trágica em 1975 está ainda para ser solucionada - e talvez nunca seja). Mas o Cristo de Pasolini foi demasiadamente terreno e escandalosamente humano. No filme "O Evangelho Segundo São Mateus", o cineasta italiano fez uma crítica velada, mas profundamente voraz da hipocrisia e banalidade do modo de vida burguês. No final da década de 1960, era um crítico contundente e inquietante da vida burguesa italiana.

TELA CRÍTICA

Figura 2

O concerto da perversidade



A tese que iremos apresentar aqui é que o último filme de Pier Paolo Pasolini, "Saló", foi um manifesto estético contra a *progressividade do Mal* na figura do capital como venalidade universal. Não se trata do Mal metafísico, mas sim do Mal histórico representado por um sistema de controle estranhado do metabolismo social que envilece e degrada o ser humano como ser genérico (consciência). Identificamos nesta apreensão crítica o Mal com o próprio *estranhamento*, conceito exposto por Lukács na sua obra inacabada ("A ontologia do ser social"), escrita na última metade da década de 1960. O conceito de estranhamento diz respeito à deformação/desvirtuamento das capacidades do homem desenvolvidas pelo processo civilizatório do capital.

O Mal é aquilo que *obstaculiza* o desenvolvimento humano, tratando-se nesse caso, de um sistema social ou complexo de relações sociais que regulam o metabolismo do homem com a natureza. A idéia de progressividade do Mal implica o estranhamento com o *processo* de acúmulo da corrosão ético-moral do homem. O fascismo não é apenas um fenômeno político, mas um fenômeno ético-moral que progride no interior das sociedades de mercado, sendo assim, o ápice da degradação humana ocorrido no seio das sociedades

TELA CRÍTICA

mais desenvolvidas do mundo do capital. O fascismo é produto do desenvolvimento (e *não* do atraso) do capita em sua forma oligopolizada.

Em 1975, pouco mais de dez anos depois do filme "O Evangelho Segundo São Mateus", Pasolini inspirou-se em Marques de Sade e no fascismo italiano para vociferar seu Manifesto Anti-burguês. Ele elaborou a figura dos *círculos* que compõem a Divina Comédia burguesa (enquanto a "Divina Comédia" é um poema de viés épico e teológico, escrito por Dante Alighieri no século XIV, é dividido em três partes: o Inferno, o Purgatório e o Paraíso; o filme "Saló", de Pasolini, divide seu poema cinematográfico trágico e grotesco em três círculos que compõem a narrativa de crueldades e perversidades das personas de instituições burguesas caducas: o "círculo das Manias", o "círculo da Merda"; e finalmente, concluindo a progressividade do Mal, o "círculo da Morte".

Figura 2

O espetáculo de excremento



TELA CRÍTICA

A processo de alienação é o movimento de progressividade do Mal. No poema de 1936, intitulado “No caminho, com Maiskóvski”, o poeta brasileiro Eduardo Alves da Costa expressou a progressividade do Mal ao dizer:

“Na primeira noite eles se aproximam
e roubam uma flor
do nosso jardim.

E não dizemos nada.

Na segunda noite, já não se escondem:

pisam as flores,
matam nosso cão,
e não dizemos nada.

Até que um dia,
o mais frágil deles
entra sozinho e nossa casa,
rouba-nos a luz e,
conhecendo nosso medo,
arranca-nos a voz da garganta.
E já não podemos dizer nada”².

Mas perguntemos, mais uma vez, o que é o Mal?

Não se trata da figura metafísica, religiosa, do Diabo, mas a representação singela e demasiadamente terrena (e humana) da degradação do homem pelo homem - o homem inumano ou ainda, o homem pós-humano. O Mal reduz os sujeitos humanos a coisas a serem manipuladas pelos senhores do Poder. O Mal é o espectro metafísico – e portanto, representação ideológica – mas efetiva – da carga anti-humanista contida na civilização do capital.

²A autoria do poema tem vindo a ser erroneamente atribuída a Vladimir Maiakóvski. O poeta Eduardo Alves da Costa garantiu que Maiakóvski nada tem a ver com o poema, numa entrevista no jornal *Folha de São Paulo*, edição de 20.9.2003.

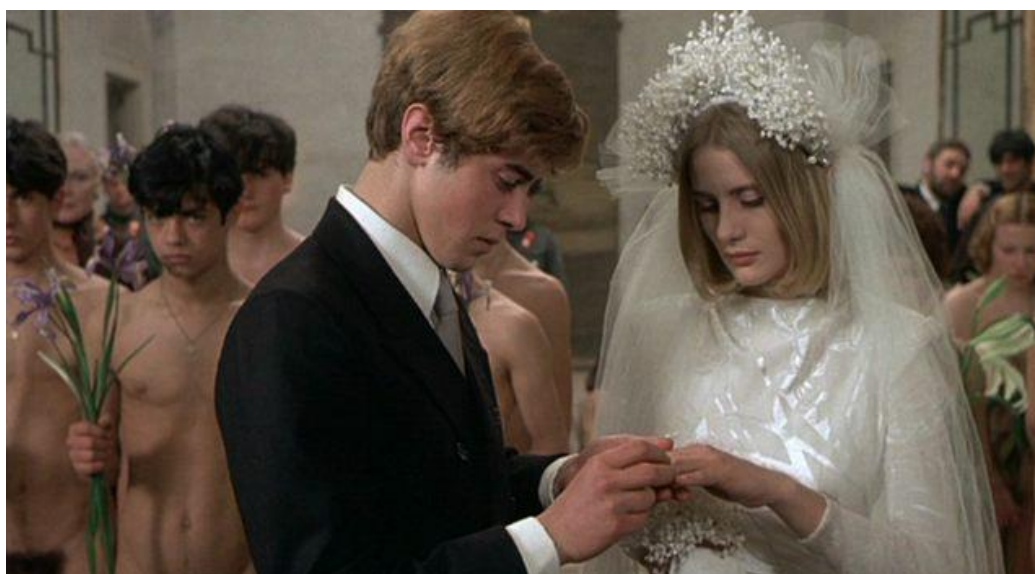
TELA CRÍTICA

Pasolini nos alerta: *o Mal progride*. O Cristo de Pasolini no seu “Evangelho...” (1964), poderia ter dito: “Não deixeis o Mal se acumular...”. Por isso, no filme “Saló temos a sucessão das 3M: Manias, Merda e Morte. É a progressividade (e o movimento circular) do Mal com aquilo que a lógica dialética implica: quantidade e salto de qualidade.

Talvez o horror do fascismo que Pasolini seja a destilação da própria substância do americanismo alienante, a globalização consumista, a crise de superprodução crônica que caracteriza o capitalismo tardio. Diria Pasolini: o movimento sutil da progressão de manias (à lógica maníaca do capital: D-M-D’) nos obriga a deliciar-se com merdas (das mercadorias); e, caso deixemos, nos conduzirá à morte (a barbárie social). Pasolini foi um visionário.

Figura 3

O Casamento: a Tradição é perversamente doce



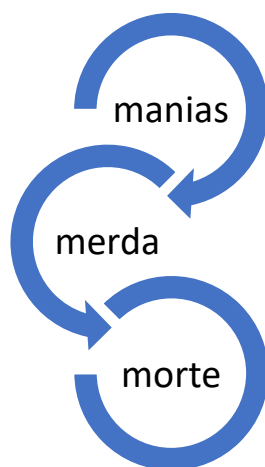
É perceptível no filme a *passividade* das vítimas (homens e mulheres jovens) diante de seus carrascos. Existe quase um concerto (de concertação ético-moral) entre as vítimas e seus carrascos. Eis o sentido da perversidade: a vítima goza com sua própria obliteração. As vítimas – homens e mulheres jovens não se insurgiram contra a vituperação perversa animadas pelas prostitutas, verdadeiros “mestres de cerimônia” da violação sistemática de corpos e mentes. A juventude não se rebela contra aquilo que os oprime e degrada (o único que se rebela, foi traído pelos demais e morre executado pelos fascistas). Na figura 1 temos a imagem do concerto da perversidade. O ritual do casamento na figura 3 expõe

TELA CRÍTICA

a sutil crítica da Tradição pela visão pasolineana. Na figura 4, numa das cenas do filme, os jovens expõem o anús para a verificação e deleite dos perversos fascistas. Talvez esta seja a expressão suprema do conformismo rumo ao abismo (a morte). Pode-se dizer que a juventude vitimada se deixa levar pelas manias perversas dos donos do Poder. Não conspiram ou planejam rebelar-se. Inclusive, no momento final do filme, os jovens, ao invés de agirem unidos contra seus carrascos, traíram uns aos outros - cada um procurou salvar em vão, a sua própria pele. Por trás da alegoria grotesca de Pasolini, existe uma posição ético-política: o cineasta italiano nunca se iludiu com a juventude pequeno-burguesa italiana (o curioso é que “Saló” é o anti-climax de maio de 1968). Deste modo, a lição final do manifesto anti-burgues de Pasolini diz-nos que a passividade diante da progressividade do Mal conduz-nos à morte.

A Progressividade do Mal e o Movimento Cumulativo da Barbárie Social

(3M's)



O filme “Saló” tem muitas de cenas de nus e atos sexuais, mas *não* se trata de filme de sexo. Neste filme, o que parece, não é; e o que nos horroriza, é verdadeiramente o que é: o homem desumanizado ou melhor, a monstruosidade pós-humana. É interessante que na mesma época – um pouco antes – Stanley Kubrick lançou o filme “Laranja Mecânica” (em 1971), outra narrativa da barbárie social e progressividade do Mal. Tanto Pasolini, quanto Kubrick, trataram da mesma problemática a partir de universos estéticos diferentes. No filme de Kubrick o sexo também não é sexo...mas violência concentrada.

TELA CRÍTICA

Um detalhe interessante: a melodia do filme intitulada “Son tanto triste” [muito triste], ideada por Pasolini, composta por Franco Ansaldo e Alfredo Bracchi, com a direção do maestro Ennio Morricone, é um tema lírico deliciosamente inspirado nas *big band* (à la Glenn Miller) que nos faz lembrar os tempos áureos do americanismo. Foi o americanismo que expandiu o consumismo e a modernização do capital pelo mundo. Tal melodia, que faz a mistura entre *nostalgia* e *terror* - nos diz muito sobre aquilo que Pasolini intuiu no fascismo social que impregna a civilização do consumismo burguês: o terror da modernização capitalista cria seus próprios monstros...

Portanto, deve-se fazer uma aproximação necessária entre Pier Paolo Pasolini e Stanley Kubrick. Ainda outra exemplo: tal como Stanley Kubrick na genial comédia satírica “Dr. Strangelove or How I Learned to Stop Worrying And Love The Bomb” (de 1964 – mesmo ano em que Pasolini lançou “O Evangelho segundo São Mateus”) – onde Kubrick abriu o filme sobre a tragédia do hecatombe nuclear, de modo satírico, com a música “Try a Little Tenderness”, Pasolini incluiu em “Saló”, um filme que expõe o terror do fascismo, o som melódico da época áurea do americanismo na música “Son Tanto Triste”. Tanto Pasolini quanto Kubrick, cineastas geniais, permitiram que a música expressasse, com perfeição, o som lírico da barbárie social que caracteriza o neofascismo da doce vida burguesa.

Figura 4

O conformismo rumo ao abismo



TELA CRÍTICA

Portanto, "Saló" ou os "120 dias de Sodoma", não é apenas um filme que trata do fascismo. Ele contém algo mais: ele é um filme-manifesto denunciando a progressividade do Mal, o vazio da ordem burguesa, consumista, venal, pervertida e profundamente irracional.

2019